

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOVA ESTELA FUNERÁRIA DO TIPO DA "PEDRA FORMOSA".

CARDOSO, Mário

Ano: 1949 | Número: 59

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Nova estela funerária do tipo da "Pedra Formosa". *Revista de Guimarães*, 59 (3-4) Jul.-Dez. 1949, p. 487-498.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Nova estela funerária do tipo da "Pedra Formosa"

Numa comunicação sobre a actividade arqueológica de Portugal durante o ano de 1947, publicada pelo Sr. Fernando Russell Cortez, conservador do Museu Nacional de Soares dos Réis; no fascículo referente ao terceiro trimestre de 1948 do «*Archivo Español de Arqueología*», publicação madrilenha do Instituto Diego Velazquez, alude este arqueólogo ao aparecimento, na freguesia de Sardoura, Concelho de Castelo de Paiva, de *un frontón de templo funerario (sic) idéntico al de Briteiros, a pesar de no presentar la piedra ninguna ornamentación* (1).

Esta notícia, mesmo através do seu laconismo, logo despertou o nosso interesse, pelo motivo de a suspeitarmos, de facto, ligada a um dos mais importantes problemas da Arqueologia da região dos «castros» galaico-portugueses da Idade do Ferro, qual seja o da finalidade dos discutidos monumentos «em forma de casa», encontrados nesta região, que ostentam como fachada as grandes estelas célticas, a que se tem dado o nome de «Pedras Formosas», por analogia com a designação que, já nos começos do século XVIII, era dada à primeira aqui aparecida, proveniente da Citânia de Briteiros (2), e que hoje constitui um dos mais valiosos exemplares do Mu-

(1) *Archivo Español de Arqueología*, Madrid, 1948, T. XXI, n.º 72, p. 279.

(2) Francisco Xavier da Serra Craesbeck, *Memórias resuscitadas da Província de Entre Douro e Minho*, 1726, Ms. da Bibl. Nac. de Lisboa, Secção de Res., F. G. n.º 217, p. 35 v.; D. Jeronymo Contador de Argote, *Memorias para a historia ecclesiastica do Arcebispado de Braga*, Lisboa, 1734, T. II, p. 460.

seu Arqueológico de «Martins Sarmiento», em Guimarães (1).

Pedimos por isso ao Sr. Russell Cortez mais detalhados informes sobre aquela descoberta, cuja existência ignorávamos, o qual teve a gentileza de comunicar-nos que a notícia do achado vinha mencionada numa monografia de Castelo de Paiva, publicada em 1947, em Esposende, e da qual era autora D. Margarida Rosa Moreira de Pinho, licenciada em Letras pela Universidade de Coimbra. Procuramos logo adquirir aquele livro, o que não foi tarefa das mais fáceis, já porque desconhecíamos a sua autora, já porque se tratava de uma edição fora do mercado. Mas, por fim, graças aos bons esforços do arqueólogo Sr. Joaquim Sellés Pais de Vilas Boas, de Barcelos, para cuja amável diligência apelamos, sempre conseguimos obter um exemplar.

Tratava-se da monografia, editada pela Câmara Municipal de Castelo de Paiva, com o título de «Elementos para a História de Castelo de Paiva» (Esposende, Tip. Cávado, 1947), que constituiu a dissertação apresentada pela autora à Universidade de Coimbra, no acto da sua licenciatura na Faculdade de Letras da mesma Universidade. O interessante livro, apesar das suas deficiências, muito naturais em «trabalhos de investigação feitos em cumprimento de deveres escolares a prazo certo», como aliás a própria autora reconhece, apresenta um incontestável mérito, ainda que mais não fosse pela revelação ali contida do importante achado arqueológico que o Sr. Russell Cortez inteligentemente mencionou na citada revista madrilena, dando-lhe assim a merecida publicidade, que a restrita edição da monografia daquela distinta aluna universitária não lograra conceder-lhe.

(1) Sobre a bibliografia da «Pedra Formosa» consulte-se principalmente: F. Martins Sarmiento, *Dispersos*, Imprensa da Univ. de Coimbra, 1933, p. 470 e nota correspondente, na p. 498; Idem, *Correspondência epistolar Hübner-Sarmiento*, Guimarães, 1947, nota 7 da p. 24; Mário Cardozo, *Catálogo da Secção Lapidar e de Escultura do Museu da Sociedade Martins Sarmiento*, Guimarães, 1935, p. 119; Idem, «O monumento funerário da Citânia», in *Rev. de Guimarães*, LVI, p. 293.

A pág. 51 e seguintes, referindo-se a autora às antiguidades encontradas na freguesia de Sardoura, de Castelo de Paiva, que lhe eram familiares, alude a vários objectos aparecidos no cimo e nas encostas de um monte designado *Crasto*, existente naquela localidade. Informa que esses objectos constituem propriedade do Sr. Francisco Correia de Melo Osório Sarmiento, da Casa do Pedregal, da mesma freguesia, cavalheiro que tem dedicado um grande interesse a diversas escavações ali praticadas por iniciativa própria. E, entre os citados objectos, menciona então, nos seguintes termos, que transcrevemos integralmente, a pedra que mais tarde havia de merecer as honras da citação no «*Archivo Español de Arqueología*» (*Fig. 1*):

«Um dos achados mais interessantes é um forno crematório, cuja testeira tem mais de 1^m,5 de altura e com a forma arredondada, dum semi-círculo. Deve tratar-se de um caso idêntico ao da «*Pedra Formosa*», originária da Citânia de Briteiros e que Mário Cardoso considera como um dos mais interessantes exemplares arqueológicos dos «castros» peninsulares.

O facto de ter despertado tanto interesse, atribui-o Mário Cardoso «à sua bizarra ornamentação e grandes proporções, e em segundo lugar ao carácter desconhecido e misterioso do seu primitivo uso» (1).

Este monumento encontrado em Sardoura, conquanto não tenha qualquer ornamentação, apresentando-se tosco, isento de ornatos e inteiramente em bruto—conforme se vê pela fotografia junta—é, nas suas

(4) A autora cita aqui uma passagem do nosso primeiro estudo sobre a *Pedra Formosa* (Guimarães, 1929, p. 11), parecendo portanto que, em 1947, ainda desconhecia os trabalhos que publicámos em 1931, 1934, 1935 e 1946, após a descoberta do monumento de Briteiros e da segunda «*Pedra formosa*», em 1930.

linhas gerais, absolutamente idêntico ao da Citânia de Briteiros.

Enquanto que Martins Sarmiento e Leite de Vasconcelos assentaram em que a *Pedra Formosa* teria sido uma mesa de oferendas religiosas ou «ara de sacrificios», este monumento arqueológico, pela maneira como foi encontrado na posição vertical, com a abertura voltada para baixo e pequenas pedras encostadas formando o forno, devia ter sido a testeira dum forno crematório.

É de lamentar o facto de ter sido retirado do local onde foi encontrado, o que facilitaria extraordinariamente a sua identificação ».

Esta descrição sumária, acompanhada de duas fotogravuras da pedra, que aliás a representam colocada numa posição falsa, isto é, com a abertura semi-circular voltada para a parte superior, acabou por convencer-nos da necessidade de irmos ao local analisar o importante achado, e coligir ali os detalhes que ainda nos fosse possível obter acerca das circunstâncias em que a descoberta se efectuou. Antes disso, porém, havia necessidade de estabelecermos prévio contacto com o proprietário da pedra, Sr. Correia de Melo, tanto mais que a sua residência permanente é em Vila Nova de Gaia, e não em Sardoura. Por amável interferência da ilustre autora da monografia e de seu marido, Sr. Dr. Sobral Torres, a quem, após conseguirmos saber a sua morada, nos dirigimos, ficou aprazado um encontro em Sardoura com o Sr. Correia de Melo.

Teve então lugar a nossa visita àquela ridente e airosa povoação, que fica situada, um pouco a sul da margem esquerda do Douro, cerca de uns 3 quilómetros distante da ponte metálica de Entre-os-Rios, sobre o Douro. É terra fertilíssima, que produz em abundância óptimas frutas, cereais, legumes, vinho, azeite e afamado mel. Não admira, portanto, que, desde remotos tempos, fosse lugar de habitação preferido e densamente povoado, quer devido a esta riqueza úbere do seu solo, quer à proximidade da confluência de dois rios, Douro e Tâmega, o pri-

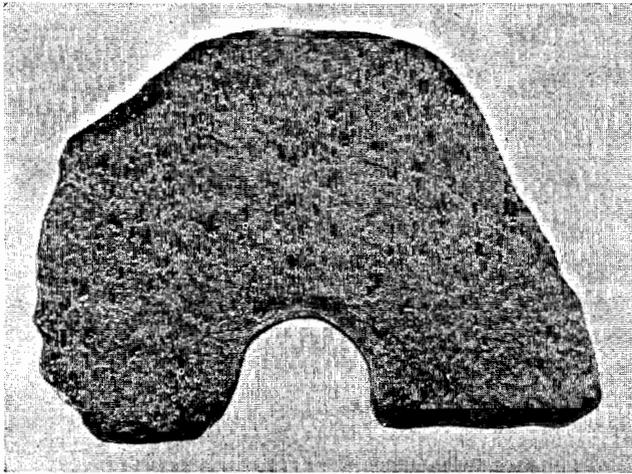


Fig. 1 — A estela aparecida em Sardoura (Castelo de Paiva).

(Dimensões: 1 m,85 X 1 m,39 X 0 m,22)

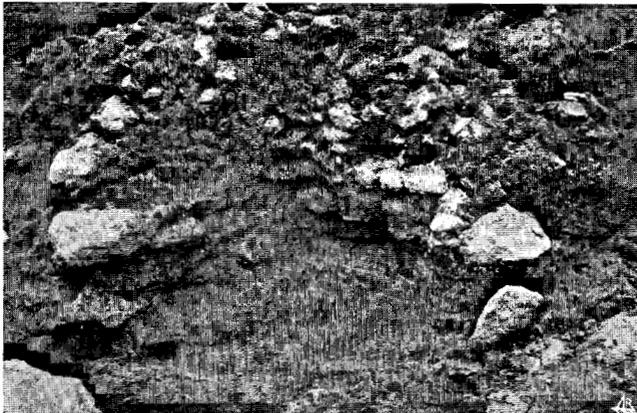


Fig. 2 — Vestígios do monumento a que a estela pertencia, hoje desaparecidos.

EST. II



Fig. 3—Os trabalhos de desaterro, mostrando a grande profundidade a que se encontrava o monumento de Sardoura (no canto inferior direito).

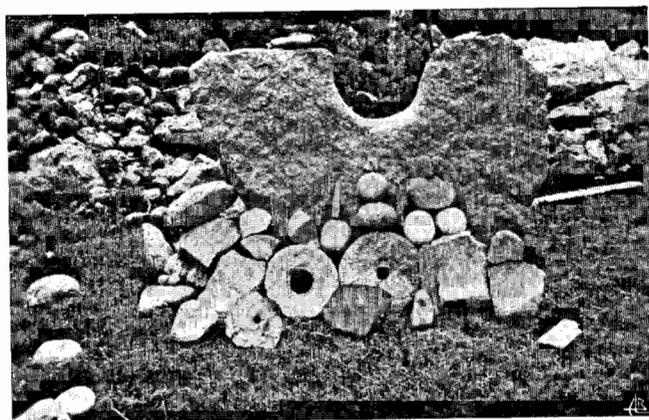


Fig. 4—A estela de Sardoura, na ocasião das escavações, com alguns dos objectos encontrados juntamente.

meiro dos quais de grande caudal e abundantemente piscoso. Assim se explicam também os numerosos vestígios do passado, encontrados com tanta frequência naquela região, uns remontando à época da Romanização, outros nitidamente ante-romanos, tais como restos de muitas «mamoas», infelizmente já violadas pelo saque vandálico dos pesquisadores de *tesouros encantados*.

Uma das mais valiosas aras votivas que se guardam no Museu de «Martins Sarmento», oferecida em 1887 ao insigne pré-historiador vimaranense por Eduardo Guedes de Melo, de Castelo de Paiva, apareceu na margem direita do Douro, na freguesia de Várzea do Douro, já no Concelho do Marco de Canaveses, mas também muito próxima de Sardoura. É dedicada essa ara a TAMEOBRIGVS, velha divindade indígena romanizada, pois da influência dos dominadores nem mesmo os antigos deuses lusitanos foram isentos, os quais passaram a ser venerados sob as fórmulas rituais do Panteão romano. Acerca deste importante monumento, já mencionado por João Pedro Ribeiro em fins do século XVIII, numa carta dirigida ao arcebispo D. Frei Manuel do Cenáculo e, mais tarde, nas suas «Dissertações chronologicas e criticas» (1), existe hoje uma extensa bibliografia (2). O nome *Tameobrigus* parece ser céltico, e referir-se a um deus fluvial, tutelar das águas do Tâmega (*Támaga* ou *Tâmaca*), o que até certo ponto se confirma pelo aparecimento da ara muito perto da margem desse rio, junto da sua confluência com o Douro.

O Sr. Francisco Correia de Melo, que é um inteligente colecionador de antiguidades e de objectos de Arte, e cuja Casa do Pedregal, em Sardoura, pode considerar-se, pelo seu valioso recheio, um autêntico museu, recebeu-nos ali com fidalga hospitalidade, facultando-nos imediatamente o estudo não só da pedra cuja observação ali nos levava, e que

(1) Vol. I, p. 347.

(2) Vide Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, vol. II, Lisboa, 1905, p. 319-320; *Correspondência Hübner-Sarmento cit.*, p. 108, 115, 116 e 161; Mário Cardozo, *Catálogo cit.*, p. 19.

tão viva curiosidade nos havia despertado, mas ainda todos os objectos arqueológicos aparecidos na escavação que pusera a descoberto aquela pedra, nos escombros do monumento, hoje desaparecido, de que ela fazia parte. Desse monumento, com efeito, nada resta actualmente, por infelicidade. Apenas uma fotografia que o Sr. Correia de Melo amavelmente nos cedeu, feita na ocasião das escavações, ficou constituindo o único testemunho da passada existência de tal construção, fotografia que, apesar de muito deficiente, deixa ainda perceber bem a parede interior do *tholos*, de planta circular, que fazia parte do edifício, com a superfície inclinada para dentro, como que a fechar em falsa cúpula (*Fig. 2*).

Ascendem, portanto, já hoje, a um número relativamente elevado as descobertas destes curiosos monumentos, cuja finalidade desconhecemos em detalhe, mas que teriam necessariamente um destino religioso e cultural, obedecendo talvez, segundo a maioria das opiniões autorizadas (1), às exigên-

(1) Em 1931, na monografia que então demos a lume sobre o monumento descoberto em Briteiros no ano anterior, e ainda em 1934, noutro estudo sobre o mesmo assunto, que publicámos na revista «Brotéria», afirmámos que o Professor Leite de Vasconcelos havia repudiado a sua antiga hipótese, na qual considerava a «Pedra formosa» como ara sacrificatória (Vide *Rel. da Lus.*, III, p. 616-618). Transcrevemos hoje aqui, já que novamente abordamos este assunto, três interessantes cartas que o insigne Mestre nos dirigiu, por ocasião da descoberta do referido monumento da Citânia.

Carta de 12-10-1930, escrita pouco após a descoberta do monumento, que Leite de Vasconcelos havia observado em Setembro desse mesmo ano, por ocasião do Congresso Internacional de Antrop. e Arqueologia: «Ex.^{mo} Amigo e Sr. Capitão: Se V. Ex.^a me der a honra de se referir a mim, no que vai escrever acerca da segunda Pedra Formosa, rogo o favor de acrescentar que eu lhe disse que julgava agora prejudicada a minha antiga hipótese. De V. Ex.^a amigo obg.^o, José Leite de Vasconcelos». Quatro meses após, em 15 de Fevereiro de 1931, ao pedirmos-lhe a sua esclarecida opinião sobre a finalidade do monumento, respondia-nos: «Ex.^{mo} Amigo e Sr.: Começo por dar os parabéns a V. Ex.^a pelo importante descobrimento, pelas finas observações que faz, e pela aptidão que mostra para o desenho, tão proveitosa em estudos arqueológicos e etnográficos. Quanto ao assunto, muito difícil é responder. Pergunta V. Ex.^a se o

cias de um ritual funerário, ligado à prática da incineração (1).

monumento será um *mithraeum*. Efectivamente nessa região tiveram culto divindades orientais e africanas (*Religiões* III, 342 e 358 ss.); mas o suástica e figuras congêneres têm entre nós carácter muito castrejo e também muito funerário para que eu possa desligar dele o monumento citaniense. Que aqui se praticaram sacrifícios, não parece duvidoso, porque os desgastes nas paredes do tanque, tão inteligentemente notados por V. Ex.^a, revelam que, de facto, se afiaram nelas instrumentos cortantes, que não deviam servir senão para imolar vítimas. Ora, quando se realizou o funeral de Viriato, sacrificaram-se vítimas ao morto, ao mesmo tempo que o cadáver ardia numa pira (*Religiões* III, 14-15). Não serviria o forno para recolher restos incinerados do cadáver, e sobretudo de cadáveres de pessoas que haviam sido notáveis (forno colectivo, como os dolmens, não individual)? O desaparecimento dos restos da incineração (cinzas, ossos) explica-se com facilidade pelo arrastamento para fora, causado por águas de chuvas, etc. O monumento, diz V. Ex.^a, revela alguma opulência, que não condiz com a pobreza dos achados da Citânia. Por um lado, porém, na Citânia apareceram esculturas artísticas de casas; por outro lado, os antigos ligavam às vezes maior importância aos mortos do que aos vivos, como no Egipto, onde não se encontram senão sepulcros complicadíssimos e não palácios (já não assim em Creta!). Muito variado é o monumento de Sá (*Relig.* III, 448-449) e pertence ao culto dos mortos, com um sacrifício e libação. V. Ex.^a compara o monumento citaniense com o da Saia, e Sarmento correlaciona este com o culto das águas. O ligar o povo, ainda hoje, como ele diz a pág. 14 do *Relatório* da Estrela, superstições com a água que ali corre é importante, sem dúvida; todavia não bastará para que possamos estabelecer aquela correlação, pois o povo a cada passo cerca de superstições minas antigas e coisas estranhas. Em suma: no meu entender, acho que *por enquanto* não é descabida a hipótese que V. Ex.^a enuncia de ser funerário e de incineração o monumento, e terá talvez maior plausibilidade do que o de ser ele monumento propriamente religioso. Se V. Ex.^a quer tornar público o meu humilde parecer, só encontro nisso uma prova de amizade de V. Ex.^a, de quem sou com a maior estima amigo obg.^o, Leite de Vasconcelos». E, meses depois, publicada já a nossa monografia, agradecia-nos nesta carta, de 21-6-31, o exemplar que lhe ofereceramos: «Ex.^{mo} Amigo e Sr.: Muito agradeço o seu formoso trabalho, com cuja conclusão estou de acordo, e dou a V. Ex.^a os parabens. Também agradeço a referência que me faz. . . . Vai a lista de alguns nomes que me lembram. Do Siret não sei a morada. O Jalhay deve saber. De V. Ex.^a amigo e adm.^{or} obg.^o, José Leite.»

(1) J. Uria y Riu, «Ritos funerários en las camaras de Briteiros y Coaña», in *Revista de la Universidad de Oviedo*, 1941.

No local onde apareceu o monumento de Sardoura, a terra apresentava-se então fortemente impregnada de cinzas, e, ainda hoje, não obstante o sítio ter sido já muitas vezes revolvido pelos trabalhos agrícolas, a terra mostra ali uma tonalidade queimada, mais escura do que a observada na restante superfície do mesmo campo.

O monumento, segundo a informação do Sr. Correia de Melo, encontrava-se coberto por uma alta camada de terras de aluvião, soterrado a uns 6 a 7 metros de profundidade, numa encosta de forte declive, não longe da sua casa de habitação, e apareceu na ocasião em que ali mandara proceder a uma grande remoção de terras (*Fig. 3*), para seguidamente construir um elevado muro de suporte do socalco que hoje está transformado em terreno de cultura. Esse terreno liga com a encosta do Monte Crasto, que lhe fica sobranceiro e a curta distância.

A estela, que servia de fachada anterior da construção desmantelada, conserva-a aquele proprietário ao fundo do quintal da sua casa, encostada a um muro, e ainda na posição em que, no momento da sua deslocação para aquele lugar, os operários empregados na escavação ali a collocaram, com o rasgo semi-circular da base voltado para cima, ao inverso, portanto, da sua posição natural. Apresenta as seguintes dimensões:

Largura máxima	1 ^m ,85
Altura máxima	1,39
Espessura (muito irregular)	0,22
Abertura semi-circular:	
Largura média	0,30
Altura	0,25

Tem pois, como ressalta da comparação com as duas pedras idênticas procedentes da Citânia de Briteiros, dimensões bastante inferiores às de estas (*Fig. 5*).

De harmonia ainda com a descrição oral do Sr. Correia de Melo, a pedra, que é um tosco lascão em bruto, bastante mutilado na periferia, sem ornamentação alguma, e apenas com a abertura se-

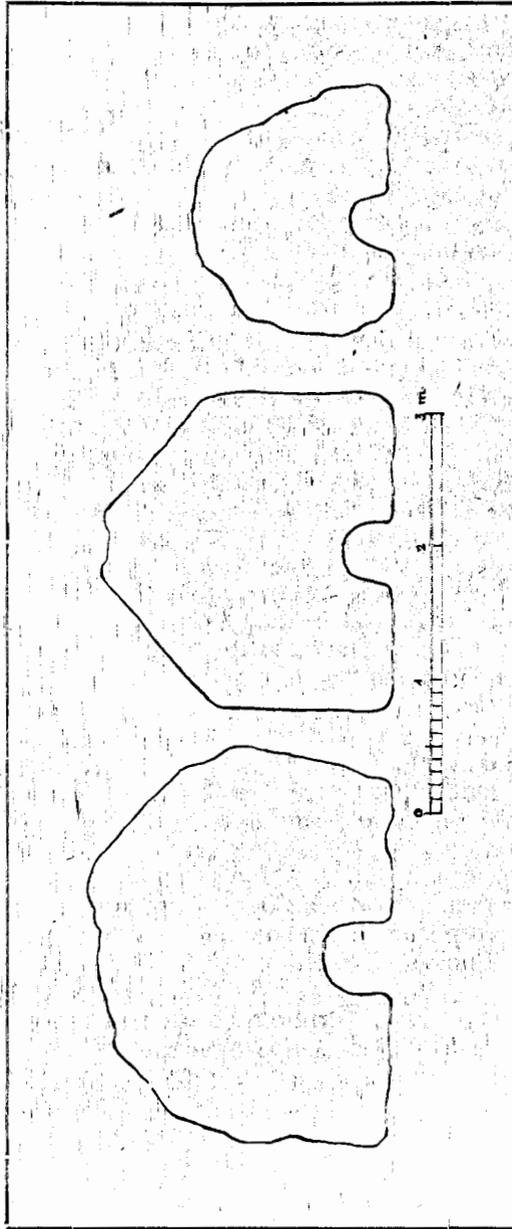


Fig. 5—Contornos das estelas de Briteiros e de Sardouira, na mesma escala, para apreciação dos seus tamanhos relativos.

mi-circular rasgada a pico, apareceu na posição vertical, assente numa outra colocada horizontalmente e tendo encostadas a ela mais duas, que faziam parte das paredes laterais. No lado posterior da edificação, que estava já quase toda desmoronada quando foi posta a descoberto, distinguam-se ainda os restos da câmara redonda a que atrás nos referimos (*Fig. 2*), e, à mistura com esses escombros, encontraram-se também algumas mós manuais, trituradores do tipo neolítico, restos de cerâmica, pequenas pedras de granito, de forma esferóidal, muito polidas, e ainda diversas placas de xisto, umas de forma alongada, perfuradas numa ou nas duas extremidades, outras circulares, com perfuração central (*Fig. 4*).

Estes objectos encontram-se actualmente colocados no topo superior do muro a que a estela está apoiada, e alguns outros, de menores dimensões, conserva-os o Sr. Correia de Melo no interior da sua casa, guardados numa vitrina, juntamente com diversas fíbulas, uma das quais bastante rara, do tipo que José Fortes classificou de *anular*, isto é, formada por um aro fechado, em posição perpendicular ao plano do seu arco normal ⁽¹⁾, numerosas vasilhas de formas variadas e outros objectos recolhidos numa escavação que o mesmo Sr. praticou numa necrópole lusitano-romana localizada num terreno de mata das proximidades.

Após esta nossa visita a Sardoura, não mais perdurou no nosso espírito a menor dúvida de que o monumento ali aparecido, e tão lamentavelmente destruído, era de facto da mesma classe do descoberto em Briteiros em 1930, e de que a estela salva na escavação pertence igualmente ao mesmo tipo das «Pedras formosas», tratando-se, muito embora, no caso presente, de um exemplar menos rico, dada a sua completa falta de ornamentação, e de mais modestas dimensões que as dos aparecidos na Citânia.

A localização desta classe de monumentos, quase sempre no interior ou nas proximidades de «castros»

(1) José Fortes, «As fíbulas do Noroeste da Península», in *Portugalia*, Porto, 1905-1908, vol. II, p. 18, e figs. 13 e 14.

da Idade do Ferro, onde os vestígios da Romanização afloram mais ou menos claramente, e ainda a natureza dos objectos avulsos que junto desses monumentos tem sido recolhidos, contribuem para nos esclarecer, com suficiência bastante, acerca do período que convém atribuir a tais construções, por certo de origem céltica, mas que talvez hajam perdurado pelo menos até o final do século III de J. C. Contudo estes monumentos devem ter uma tradição muito mais longínqua, constituindo uma espécie de sobrevivência tardia de épocas distantes, reminiscências do período megalítico, pois o traçado geral de tão singulares edificações castrejas ainda nos faz lembrar os monumentos dolmênicos, com seu corredor e câmara circular. Tenhamos esperança de que, em face de novas descobertas mais frutuosas que o acaso nos ponha diante dos olhos, ainda um dia se possa esclarecer por completo, com segurança documental e demonstrativa, quais os ritos praticados nestes interessantes monumentos, que em número de dez foram já revelados até hoje na região dos «castros» do Noroeste da Península, a saber:

- dois na Citânia de Briteiros (Guimarães) ⁽¹⁾
- um no Castro de Sabroso (Guimarães) ⁽²⁾
- um no Monte da Saia (Barcelos) ⁽³⁾
- um no Castro de Vermoim (Famalicão) ⁽⁴⁾

(1) Mário Cardoso, *A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da Pedra Formosa*, Guimarães. 1931; *A Pedra Formosa da Citânia de Briteiros e a sua interpretação arqueológica*, Lisboa, 1934; *Possível identificação do primitivo local da «Pedra Formosa» na Citânia de Briteiros*, Guimarães, 1935.

(2) F. Martins Sarmento, «Materiais para a Arqueologia do Concelho de Guimarães», in *Revista de Guimarães*, vol. XXIII, p. 41, 43 e 49, vol. XXIV, p. 59 e 117, vol. XXVI, p. 129.

(3) João Torres, «As ruínas existentes no Monte da Saia», in *Comércio do Lima* n.º 52 e 59 (1876-77); *Rev. de Guimarães*, vol. XIII, 84, 89, 145, e vol. XV, 134; F. Martins Sarmento, *Relatório da Expedição científica à Serra da Estrela* Lisboa, 1883, p. 14, nota 1.

(4) F. Martins Sarmento, *Mss. inéditos*, de 1880, Cad. 40, p. 68 (Arquivo de Res. da Sociedade Martins Sarmento).

um no Castro de Coaña (Astúrias) (1)
dois no Castro de Pendia (Astúrias) (2)
um em Santa Marinha de Águas Santas
(Orense) (3)
um no Monte Crasto, de Sardoura (Cas-
telo de Paíva)

MARIO CARDOZO.

(1) António Garcia y Bellido e Juan Uria y Riu, *Avance a las excavaciones del Castellon de Coaña*, Oviedo, 1940; A. Garcia y Bellido, «El castro de Coaña (Astúrias) y algunas notas sobre el posible origen de esta cultura», in *Archivo Español de Arqueología*, Madrid, 1941, e anteriormente na *Rev. de Guimarães*, 1940; J. Uria y Riu, «Excavaciones en el Castellon de Coaña. Nuevos datos y consideraciones», in *Rev. de la Univ. de Oviedo*, 1942.

(2) A. Garcia y Bellido, «El Castro de Pendia», in *Arch. Esp. de Arqueología*, Madrid, 1942.

(3) Joaquín Lorenzo Fernández, «El monumento protohistórico de Augas Santas y los ritos funerarios en los Castros», in *Cuadernos de Estudios Gallegos*, Madrid, 1943.